

GESTÃO .Org

Revista Eletrônica de
Gestão Organizacional

ISSN 1679-1827

www.gestao.org.dca.ufpe.br

Volume 3, Número 1 Janeiro/Abril 2005

CONFISSÕES DE UM INICIANTE PROFESSOR: ENSINAR NÃO É PRECISO... INSPIRAR É PRECISO

Guilherme Lima Moura
PROPAD/UFPE

CONFISSÕES DE UM INICIANTE PROFESSOR: ENSINAR NÃO É PRECISO... INSPIRAR É PRECISO

RESUMO

No âmbito do ensino (dito) superior, eis que me deparo, diante dos estudantes, com a dificuldade por excelência: a falta do desejo de aprender. É nesta frase que vinha resumindo os desafios de uma recente experiência de ensino, em duas turmas do quarto período do curso de Administração de uma faculdade, em uma cidade interiorana, na disciplina Organização, Sistemas & Métodos (OS&M). Pensava comigo algo assim: "Como alunos podem ser criaturas tão desinteressadas?! Eles não querem aprender o que eu preciso ensinar! É um absurdo!" Para que se entenda como eu poderia ter chegado a tal conclusão, e a que reflexões me conduziram Mestres generosos, convidado, leitor, a gastar algum tempo na leitura desta brevíssima reflexão sobre o sentido da chamada "sala de aula".

EM SALA DE AULA

Eis uma experiência pela qual, provavelmente, muitos professores já passaram. Eis algumas primeiras conclusões, talvez igualmente constatadas por estes mesmos companheiros. Eis algumas reflexões, talvez dignas de serem compartilhadas.

A situação se revelava através de uma série de fatos facilmente observáveis: a pouca participação dos alunos durante as aulas, o razoável nível de ausências e o grande descaso com o cumprimento dos horários. Além destas questões objetivas, eram muito frequentes os olhares desatentos e as expressões de desagrado, ou de quem tem pouco a ver com o que estava sendo ali "ensinado". Nas conversas com outros professores, o que eu observava é que este comportamento era generalizado, incluindo-se aí posturas específicas de tal ou qual aluno ou turma. Isto dava uma sensação de "Que bom que não sou só eu", o que obviamente não resolvia o problema. Provavelmente ajudava a mascará-lo. Afinal, o fato de o problema ser generalizado não me eximia de ser um de seus causadores.

Argyris e Schön (1996) me falavam da reflexão na ação como prática para se realizar o que eles denominaram de "aprendizagem de ciclo duplo", ocorrida

De minha parte, adotara uma didática com base em exercícios práticos na sala, já que minha disciplina era extremamente "técnico-procedural". Procurava mostrar à turma a necessidade da disciplina para o curso, e de como aprender seu conteúdo poderia ajudá-los no mercado de trabalho. Entretanto, para além deste esforço, sobretudo na parte final do semestre letivo, limitei-me a cumprir o programa da disciplina de forma mais objetiva.

Quase a esta época eu e os outros professores do curso tivemos uma reunião com a coordenadora, que nos transmitia os comentários dos alunos feitos a ela sobre nossa atuação. Quase todos eles se diziam desmotivados com o semestre, mas não apresentavam reclamações muito sólidas sobre aspectos concretos e específicos referentes ao desempenho dos professores. Conversamos sobre a questão, concluindo, entretanto, que não havia muito como mudar a estrutura das aulas, faltando cerca de três ou quatro semanas para as últimas provas. A idéia era que melhorássemos em alguns pontos possíveis e, oportunamente, pensássemos no próximo semestre de forma mais estruturante e renovadora.

Tendo isto em mente, uma das atitudes que consegui tomar, na busca por estimular meus alunos, foi realizar um debate opcional com aqueles que tivessem interesse em conversar sobre o mercado de trabalho e o profissional de OS&M. A experiência se revelava frutífera em uma das turmas (a que tinha o melhor nível geral), a ponto de alguns dos alunos afirmarem terem mudado sua percepção sobre a disciplina graças àquela aula. O inusitado: alunos expressando-se com um interesse "aparentemente sincero"! Alunos falando e professor ouvindo, só pra variar. O que, de fato, ocorria ali? Era a pergunta que me tomava a partir de então.

EM CONVERSA COM MESTRES.

"Ensinar exige a convicção de que a mudança é possível. [...]"
Ensinar exige querer bem aos educandos."
(FREIRE, 1997, p. 8-9).

Esforçando-me por lembrar dos autores estudados ao longo de meu mestrado, e adentrando nas perspectivas teóricas de alguns outros, procurava eu ouvir o que cada um poderia me dizer sobre minhas dificuldades.

quando o indivíduo: 1) reflete sobre sua experiência, e particularmente sobre o seu erro, observando não só as suas estratégias de ação, mas, sobretudo as variáveis

(crenças, valores, pressupostos sobre o mundo e as pessoas) que governam perenemente sua maneira de agir; e 2) procurar perceber sua causalidade, ou seja, o impacto de suas atitudes sobre as pessoas com as quais interage e nos ambientes em que está inserido (ARGYRIS e SCHÖN, 1996; VALENÇA, 1997).

Palmer (2003) me afirmava que a recuperação da idéia do sagrado é capaz de retomar o sentido vertical da vida e do processo de aprendizagem, cujo modelo atual precisa ser revisto em seu reducionismo, seu automatismo, sua falta de senso de comunidade e de se ouvir a diversidade:

If we could recover a sense of the sacred in knowing, teaching, and learning, we would recover our sense of the otherness of the things of the world, the precious otherness of the things of the world. (PALMER, 2003, p. 6).

Freire (1997) me alertava sobre o sentido do que se tenta ensinar; de que teoria e prática estejam associadas, sob pena de ambas perderem o sentido. Chamavam-me a atenção, em particular, as suas lúcidas considerações. Para ele, ensinar algo a alguém vai muito além de apenas treinar o aprendiz a desempenhar destrezas, e que “[...] a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blablabá e a prática, ativismo” (FREIRE, 1997, p. 24, grifo nosso). Em sua proposta de pedagogia, o autor deixa muito clara a sua posição sobre a inutilidade da aprendizagem que não proporciona ao aprendiz a possibilidade de recriar o que foi ensinado:

Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens perceberam que era possível – depois, preciso – trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar. Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender. Não temo dizer que inexistente validade no ensino de que não resulta um aprendiz, em que o aprendiz não se tornou capaz de recriar ou de refazer o ensinado, em que o ensinado que não foi apreendido não pode ser realmente aprendido pelo aprendiz (FREIRE, 1997, p. 26).

Ouvir cada um destes estudiosos e trazer, para os limites do que se propõe ser uma reflexão como esta, uma idéia geral sobre suas idéias, é muito importante para

que se possam vislumbrar horizontes no lidar-se com as dificuldades que expus, “bebendo-se na fonte” do conhecimento e experiência surgidos em pesquisas e trabalhos de vida inteira. Em grande parte, eles se referem ao desafio de se dar um sentido ao que seja o ensino e a aprendizagem, o que é ainda mais crítico em uma área de ciência aplicada, como a Administração.

Entretanto, é fundamental considerar-se um aspecto central do problema, qual seja o compromisso que tal missão tem com o esforço por inspirar alguém a aprender. Por isso é fundamental refletir-se sobre questões como: qual o sentido de se estar numa sala de aula? Como o professor poderá ser capaz de “encantar” qualquer aluno? Será que tal “encantamento” é preciso? Como inspirar o outro a aprender sem alimentar dependências nem cair nas “receitas prontas”? Perguntas que precisam sempre estar em nossas mentes.

CONOSCO – MAS NUNCA SÓS

“Se você quer ser feliz não se case...”

Mas se você quer fazer alguém feliz, então se case”.
(Autor desconhecido).

Certa vez, ouvi de um padre – de cujo nome infelizmente não me recordo – a assertiva acima, dita por ele em um programa de entrevistas na televisão, em resposta ao entrevistador, que lhe pediu que emitisse, aos jovens que o assistiam, sua opinião sobre o casamento. Desde então, esta idéia nunca mais me abandonou. E o engraçado é que ela me vem agora à mente, como se fora absolutamente aplicável com o “tornar-se professor”. No casamento a felicidade real deriva de fazer o outro feliz. É como a sensação que temos quando damos um presente a alguém que amamos, e nos vemos muito mais felizes em ofertá-lo do que ele próprio em recebê-lo. Trata-se de uma felicidade quase plena. Parece-me ser assim também com o ato de ofertar a alguém a oportunidade de aprender algo

Em minhas reflexões sobre as dificuldades vividas no decorrer de toda esta experiência, tantas vezes estava eu – percebo-me, agora! – transferindo a responsabilidade da minha ação para o outro. Eis a questão por excelência que neste momento me vem à mente, nesta oportunidade de “reflexão-sobre-a-ação”. Neste sentido, procurando observar a minha causalidade para que tal dificuldade tenha ocorrido, considero estes os principais

aspectos a serem considerados e repensados naquela minha prática:

- A ausência de empatia com os alunos, que me impediu de enxergar que o sentido de trabalho e de vida deles não era compatível com a proposta da disciplina;
- A falta de criatividade para sair do esquema exposição-exercício-correção;
- O pouco tempo dedicado a uma preparação mais cuidadosa de cada aula;
- A descrença de que valeria a pena lutar pelo desejo de aprender de cada aluno.

Acredito que a conclusão maior da reflexão sobre esta minha experiência, inspirada pelos autores estudados, é que se esperamos, como professores, obter uma realização autocentrada – como a de quem se casa para felicitar a si mesmo –, tal profissão se revelará extremamente penosa e sem sentido. Mas se nos felicitarmos em semear amorosamente sementes de cujos frutos talvez nunca tenhamos notícias... Ah! Talvez nisso resida a sabedoria de quem é verdadeiramente Mestre.

EPÍLOGO: CONVERSANDO COM O MESTRE OU O MONÓLOGO DE UM PROFESSOR ESPERANÇADO.

- Sabe, Mestre, estava pensando aqui comigo que aluno é a pior criatura que existe no mundo!
- “Perdoa-lhes. Eles não sabem o que fazem”... (EVANGELHO, Lc. 23:34).
- É... não sabem, mesmo! Agora há pouco, por exemplo, estava com eles aplicando prova...
- “Pranto e ranger de dentes”... (EVANGELHO, Mt. 8:12).
- É verdade. E muita fila também! Mas só o Senhor vendo. Às vezes dá vontade de desistir desse povo!
- “Vós sois o sal da terra; e se o sal for insípido, com que há de salgar? Para nada mais presta senão para se lançar fora e ser pisado pelos homens.” (EVANGELHO, Mt. 5:13).
- É... o Senhor tem me dito sempre isso. Salgar...
- “Onde estiver o teu tesouro aí estará também o teu coração.” (EVANGELHO, Mt. 6:21).
- É preciso amá-los, não é?...
- “Como a ti mesmo.” (EVANGELHO, Mt. 22:39).
- Mas eles não aprendem! É como diz um amigo meu: “são tudo *uns cão!*”.
- “E por que reparas tu no argueiro que está no olho do teu irmão, e não vês a trave que está no teu olho?” (EVANGELHO, Mt. 7:3).
- Também eu não aprendo... É isso?
- “Tira primeiro a trave do teu olho, e então cuidará em tirar o argueiro do olho do teu irmão.” (EVANGELHO, Mt. 7:5).
- É preciso aprender para ensinar, então. Mas como saber se estamos fazendo da forma certa?
- “Não pode a árvore boa dar maus frutos; nem a árvore má dar bons frutos.” (EVANGELHO, Mt. 7:18).
- Mas, Senhor, tu que és O Mestre por excelência, ensina-me como realizar tal plantio.
- “Ensinar exige a convicção de que a mudança é possível. Ensinar exige querer bem aos educandos.”
- Paulo Freire!?¹ Esta conversa é particular. Você já teve a sua chance!... Tá bom. Desculpa. Você está certo de novo. Preciso lhe ouvir mais também... Mas, Senhor, voltando à nossa conversa, valerá a pena plantar no solo estéril do coração humano?
- “Ouça quem tem ouvidos de ouvir. Eis que o semeador saiu a semear. E quando semeava, uma parte da semente caiu à beira do caminho, e vieram as aves e comeram. E outra parte caiu em lugares pedregosos, onde não havia muita terra: e logo nasceu, porque não tinha terra profunda; mas, saindo o sol, queimou-se

e, por não ter raiz, secou-se. E outra caiu entre espinhos; e os espinhos cresceram e a sufocaram. Mas outra caiu em boa terra, e dava fruto, um a cem, outro a sessenta e outro a trinta por um. Ouça quem tem ouvidos de ouvir.” (EVANGELHO, Mt. 13:1-9).

Naquela noite meu sono foi mais profundo; e minha esperança mais verdadeira.

Ouça quem tem ouvidos de ouvir.

REFERÊNCIAS

ARGYRIS, Chris; SCHÖN, Donald A. **Organizational learning II** – theory, method and practice. Reading, Massachusetts: Addison Wesley, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

PALMER, Parker. **The grace of great things**: recovering the sacred in knowing, teaching, and learning. Disponível em <http://csf.colorado.edu/sine/transcripts/palmer.html>. Acesso realizado em 13/07/2003.

VALENÇA, Antônio Carlos. **Eficácia profissional**: obra em homenagem aos 23 anos da publicação de “Theory in Practice” de Chris Argyris e Donald Schön. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1997.

Guilherme Lima Moura

Mestre em Administração pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE.

E-mail: glmoura@gmail.com

Av. Presidente Kennedy, 7770. Apto 102. Candeias.

CEP: 54440-480. Jaboatão dos Guararapes – PE – Brasil.

^{1 1} (Freire, 1997, p. 8-9)